

tranhamente velho e obstinadamente vaidoso. E exagerado. Era o que Constance repetia a si mesma. No fundo, nada. Únicamente uma maravilhosa ostentação de nada. Ostentação, só isso.

Michaelis tinha conquistado Clifford, fazendo dele o personagem central de uma de suas peças. Já havia esboçado o enredo e composto o primeiro ato. Porque na ostentação do nada Michaelis era ainda mais hábil do que Clifford. A única paixão que restava nos dois: ostentar. Sexualmente, vazios ambos, mortos mesmo. Quanto ao dinheiro, já não era coisa que tentasse Michaelis. Nem a Clifford, embora o dinheiro signifique o selo da vitória. Queriam o êxito, o favor do público.

Curiosa essa prostituição à Deusa-Cadela! Para Constance, depois da embriaguez dos primeiros momentos, o êxito não passava de vácuo. Aquela prostituição à Deusa-Cadela, a que os homens se entregavam com tamanho furor, parecia-lhe nada.

Michaelis escreveu a Clifford sobre a peça em fatura, coisa já do conhecimento de Constance. Ia ostentar-se mais uma vez, e dessa feita por intermédio de um outro — e ostentação bem lisonjeira, está claro. Convidou Michaelis a visitá-lo para ler-lhe o primeiro ato.

Michaelis veio; era verão; surgiu num terno claro, de luvas de gamo, brancas. Para Constance, trouxe orquídeas de malva, maravilhosas. A leitura do primeiro ato obteve grande sucesso. A própria Constance ficou encantada, tão encantada quanto podia ficar. E Michaelis, encantado pelo seu poder de encantar, esteve maravilhoso — e até belo. Constance viu nele a antiga imobilidade das raças, que não têm mais nenhuma ilusão a perder, um extremo de impureza, que de tão impuro chega a tornar-se puro. No ponto mais distante de sua prostituição à Deusa-Cadela, Michaelis parecia puro — puro como a máscara de marfim africano que, à força de impureza, transforma-se em pureza na superfície de suas curvas de marfim.

Esse momento de euforia dos dois Chatterleys ficou supremo em sua vida. Michaelis tinha-os vencido. O próprio Clifford estava como que momentaneamente apaixonado por ele — se é possível dizer-se assim.

Na manhã seguinte, Mick apareceu agitado de angustiosa inquietação, prendendo nos bolsos as mãos nervosas. Constance não fora ao seu quarto! Coquetismo? Fugir dele justamente no instante áureo da vitória?

Afinal foi aos aposentos de cima. Constance adivinhou essa visita. Agitadamente, Michaelis pediu-lhe a opinião sobre a leitura da véspera. Boa? Que necessidade imperiosa tinha de ser louvado! Só o louvor lhe dava frêmitos ainda superiores aos do espasmo sexual. Constance atendeu-o. Cobriu-o de lisonjas extasiadas, embora em seu foro íntimo nada sentisse do que estava dizendo.

— Ouça-me — sussurrou Mick em seu enlevo. — Por que não fazemos o que devemos fazer? Por que não nos casarmos?

— Mas... eu sou casada... — respondeu-lhe ela com estupor, sem entretanto sentir nada no íntimo.

— Oh, isso não é obstáculo. Clifford concordaria com o divórcio. Por que não nos casarmos? Quero casar-me. Sei que seria a melhor coisa para mim. Casar-me e levar uma vida regular. A vida estúpida que levo arruína-me de espírito e corpo. Ouça. Você e eu fomos feitos um para o outro, somos a mão e a luva. Por que não nos casarmos? Tem alguma objeção?

Constance olhava-o, estupefata. Contudo, não sentia nada. Sempre os mesmos, os homens, na eterna omissão do essencial. Sobem como foguetes e esperam que os sigam ao céu, a eles e às suas varetas.

— Mas sou casada — repetiu ela. — Você bem sabe que não posso deixar Clifford.

— Por que não? Só ao cabo de seis meses Clifford notaria a sua ausência, Constance. Vida nenhuma importa a Clifford, tirando a ele. Você nada lhe significa, ao que vejo. Clifford só pensa em si.

Constance sentia a verdade daquelas palavras, mas não tinha Mick como nenhum exemplo de altruísmo.

— Será que todos os homens só pensam em si? — murmurou.

— Sim, mais ou menos, admito. É o meio de conseguirmos a vitória. O nosso caso, porém, é outro. Trata-se da felicidade que um homem possa dar a uma mulher. Pode